

FANTASIA: COMUNICAÇÃO DA
CRIANÇA COM O MUNDO

1608

Monografia apresentada como exi
gência para a aprovação no Cur
so de Sistemática do Trabalho
Individual e de Grupo (STIG)

EP-150

Ana Paula de Próspero
Faculdade de Educação
Curso de Pedagogia

Í N D I C E

	P
1- Introdução	1
2- Fantasia: instrumento do inconsciente	2
2.1- Conceitos Freudianos do Inconsciente	2
2.2- Características Especiais do Sistema Inconsciente	3
3- Socialização	5
3.1- A Família	5
3.1.1- O bebê	6
3.1.2- A importância do "não"	6
4- Sexualidade	8
4.1- Fase Pré-Genital	8
4.1.1- Complexo de Castração	9
4.1.2- Complexo de Édipo	10
4.2- Fase Genital	11
5- O Fantástico	12
5.1- A Angústia e o Fantástico	14
5.2- O Fantástico e o Poder	15
6- Desenho	17
6.1- Rabiscos ou Garatujas	17
6.2- Pré-Esquemática ou Realismo Intelectual	18
6.3- Esquemática ou Realismo Visual	18
7- O Brinquedo e a Fantasia	21
7.1- O que é o brinquedo?	21
7.2- Brinquedo e sexualidade	22
8- Conclusão	24
Notas	26
Bibliografia Consultada	27
Bibliografia Geral	27

"Dedico esta monografia àquele
le que me instigou a Fantasia
sia como tema.
Ao Felipe o meu beijo
cor-de-rosa."



1- I N T R O D U Ç Ã O

O fantástico é a arte de transcender.

A fantasia é importante para a criança porque irá estimular sua criatividade, seu pensamento, sua imaginação.

Ela sempre ocorrerá em lugar prazeroso para a ccã, um lugar, que sinta-se a vontade.

É portanto, primordial que se deixe a criança fantasiar, expressando livremente seus mais profundos desejos, só assim ocorrerá um "perfeito" desenvolvimento emocional, cognitivo e físico.

2- FANTASIA: INSTRUMENTO DO INCONSCIENTE

2.1- Conceitos Freudianos do Inconsciente

O estado natural, e original do psiquismo humano é o estado inconsciente. Na medida que o psiquismo entra em contato com a realidade, vai se criando no inconsciente uma "camada" a que chamaremos de consciente.

O único princípio que guia o inconsciente é o prazer. Freud (psicanalista que pesquisou a existência do sistema e inconsciente se apoiar nos dados da consciência que apresentavam um número muito grande de lacunas: tanto em pessoas sadias como em pessoas doentes ocorrem com frequência atos psíquicos que só podem ser explicados pela suposição de outros atos, para os quais a consciência não oferece qualquer prova.

Freud explica que o fato de exigir que tudo o que aconteça na mente deva ser conhecido pela consciência, significa fazer uma reivindicação insustentável.

Pode-se afirmar que, em um certo momento, o conteúdo da consciência é muito pequeno, de modo que a maior parte do que chamamos conhecimento consciente deve permanecer, num estado de latência, isto é, psiquicamente inconsciente. Quando todas as nossas lembranças "latentes" são levadas em consideração, fica totalmente incompreensível que a existência do inconsciente possa ser negada.

A consciência torna a cada um apenas esclarecidos (côncio) de seus próprios estados mentais e que outras pessoas possuam uma consciência, é uma dedução que adquirimos por analogia de declarações e ações observáveis, a fim de que sua ação fique compreensível para nós.

A psicanálise exige apenas que apliquemos este processo de identificação a nós mesmas, a fim de que todos os atos e manifestações que nota em mim mesmo e não sei como ligar ao resto de minha vida mental, sejam julgados como se pertencessem a outra pessoa.

A experiência nos mostra que entendemos muito bem como interpretar outras pessoas, nos atos que nos recusa

mos a aceitar como mentais em nos mesmos. Assim, pode se perceber, que algum impedimento especial desvia nossas investigações do nosso próprio eu, impedindo que obtenhamos dele um conhecimento real.

Assim pode-se notar, não a existência de uma segunda consciência em nós, mas a existência de atos psíquicos que carecem de consciência.

Explica-se, na psicanálise, a falta de opções, senão a de afirmar que os processos mentais são inconscientes em si mesmos, e assemelhar a percepção deles por meio da consciência à percepção do mundo externo por meio dos órgãos sensoriais.

Um impulso afetivo ou emocional, embora seja sentido, muitas vezes é mal interpretado, devida à repressão de seu representante adequado. Se restaurarmos a verdadeira conexão chamaremos o impulso afetivo original de inconsciente. Contudo, seu afeto nunca foi inconsciente; o que aconteceu foi que sua idéia sofreu "repressão".

Os afetos e as emoções correspondem a processos de descarga, cujas manifestações finais são percebidas como sentimento.

A importância do sistema consciente no que se refere ao acesso à liberação do afeto e à ação, permite-nos compreender o papel desempenhado pelas idéias substitutivas na determinação da forma assumida pela doença.

Na repressão ocorre uma ruptura entre o afeto e a idéia à qual ele pertence. O afeto, de modo geral, não se apresenta até que o irromper de uma nova representação do sistema consciente tenha sido alcançado com êxito.

2.2- AS CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS DO SISTEMA Ics

A diferença de 2 sistemas psíquicos toma novo significado quando observamos que os processos em um dos sistemas, o inconsciente, apresentam características não encontradas no sistema acima dele.

O núcleo do inconsciente é composto de representantes instintuais que procuram descarregar impulsos que estão carregados de desejo.

Não há nele lugar para negação, dúvida ou qualquer grau de certeza: tudo isso só é introduzido pelo trabalho de censura do inconsciente com o consciente. No inconsciente só existem impulsos carregados de desejo com maior ou menor força.

Os processos do sistema inconsciente não possuem ordenação temporal nenhuma. A referência ao tempo vincula-se ao trabalho do consciente.

Do mesmo modo dispensam pouca atenção à realidade. Estão submetidos ao princípio do prazer, dependendo apenas do grau de sua força e do atendimento às exigências da regulação prazer-desprazer.

Na comunicação entre os 2 sistemas, o Inconsciente permanece vivo e capaz de desenvolvimento, mantendo grande número de outras relações com o consciente, entre elas a da cooperação. O inconsciente influencia constantemente o consciente, e que, por sua vez, está sujeito às intervenções do consciente.

“Entre os derivados dos impulsos instintuais do inconsciente, existem alguns que reúnem em si características de uma espécie oposta. Por um lado, são altamente organizados, livres de auto contradição. Por outro lado, são inconscientes e incapazes de se tornarem conscientes. É sua origem que decide seu destino. Essa é a natureza das fantasias, que reconhecemos como sendo etapas preliminares da formação tanto dos sonhos, como dos sintomas e que apesar de seu alto grau de organização, permanecem reprimidas, não podendo, portanto, tornar-se conscientes.”

(Sigmund Freud)

3.1 - SOCIALIZAÇÃO

3.1 - SOCIALIZAÇÃO
A
Todo o indivíduo tem a necessidade de viver em grupos, estabelecendo as suas relações sociais.

Estas relações desenvolvem o aspecto do "eu" , dando a impressão de que pertencemos a grupos, nos fornecendo um sentimento ambíguo, ao mesmo tempo iguais a todos os indivíduos, e diferentes de todos eles.

A criança cria dentro de si, sua vida:vida mental, condições de ajustamento ao ambiente físico e social, construindo estruturas mentais cada vez mais complexas e abstratas fazendo frente à sua necessidade de adaptação.

Pode-se dizer que a personalidade se desenvolve na prontidão do organismo humano, infiltrando-se em um círculo cada vez mais amplo de indivíduos e instituições significantes. 2

3.1- A FAMÍLIA

I
Esta é a principal instituição na vida da criança, fornecendo a base para as suas relações sociais posteriores.

De uma maneira geral, o tipo de ambiente familiar, resultará em uma maior ou menor competência da criança para enfrentar situações diversas, bem como em sentimentos positivos ou negativos para consigo mesma.

Assim, as crianças consideradas mais saudáveis psicologicamente são aquelas cujos pais adotam práticas disciplinares mais democráticas.

Os pais autoritários, por sua vez, podem desenvolver atitudes que favoreçam a adaptação social (conformismo), mas não uma personalidade feliz.

Pais desorganizadas, tendem a fazer com que seus filhos sejam imaturos, inseguros e com baixa auto-estima, resultando em uma dificuldade de adaptação social e realização pessoal.

Através deste quadro de classificação de pais, é fácil perceber que a democracia familiar é a melhor conduta, porém sua realização é muito difícil; afinal, nossa cultura até pouco tempo alimentava um padrão familiar rigidamente patriarcal.

A posição colocada nas relações pais e filhos, é extremamente delicada, e mais preocupante ainda quando levamos em consideração a dependência da criança em relação aos pais.

Na verdade, eles estão presentes na vida cotidiana da criança e não apenas nas suas fantasias. Ela compreende muito mais coisas do que os pais geralmente supõem, pois quase nunca é possível esconder-lhes completamente acontecimentos importantes da vida familiar, cujos efeitos podem observar diariamente a seu redor.

As crianças também têm seus segredos, muitas vezes insignificantes aos olhos dos adultos, mas cuidadosamente guardados. Estão intimamente ligados à sua vida fantástica e a seus desejos inconscientes, como por exemplo a existência de uma super-família, que supera as falhas de real.

3.1.1- O BEBÊ

A mãe irá desenvolver no bebê um sentimento de confiança básica no mundo e em si mesmo. Portanto, a responsabilidade de que ele veja que o mundo é bom, está nas atitudes de afeto que a mãe lhe transmitir.

A criança, incorporando sensações boas, adquirirá a capacidade de receber e aceitar o que lhe é dado, e futuramente, oferecer afeto a outras pessoas por um processo de identificação com a mãe.

3.1.2.- A IMPORTÂNCIA DO "NÃO"

O movimento rotatório da cabeça do bebê, segue três estágios com funções diferentes. Nos primeiros meses de vida permite ao bebê achar o seio, como um movimento de aproximação dos objetos. Por volta dos seis meses, serve para recusar o seio ou a colher quando a criança está satisfeita. Movi

quinze meses, servir à criança como meio de oposição a outro. Isso é prova de uma certa consciência do indivíduo como sujeito da relação, assim como uma consciência do outro como parceiro desta relação.

A aprendizagem da negação, tanto como interdito razoável quanto como afirmação do sujeito, é um fator essencial no desenvolvimento das relações sociais, delimitando os espaços sociais e a soberania do sujeito. Sem a primeira, a vida social é impossível, diante do impenalismo do desejo. Sem a segunda, as relações sociais tornam-se um campo de imposição de vontades e de submissão dos outros.

Podemos perceber que a interação da criança, nas relações sociais, se estabelece desde muito cedo, e que a base para todas as suas outras relações está na relação mãe-filho.

O ciúme infantil, também impressiona desde há muito tempo os observadores.

Surge quando a presença de um irmão quebra a exclusividade da relação com a mãe, o intruso que arrisca sua estabilidade, mas permite uma identificação mental. Identificação que especifica o EU e o OUTRO.

Como vimos, as relações sociais são resultado de várias experiências anteriores. Portanto, eu poderia desenvolver uma e outra monografia em que tratasse apenas deste assunto. Mas minha intenção é apenas de pincelar algumas características deste desenvolvimento social.

Portanto, as fantásticas relações que a criança estabelece devem ser, acima de tudo, respeitadas, para que seu desenvolvimento seja rico e glorioso.

Será que estamos respeitando as fantasias de nossas crianças?

A sexualidade estende-se a todas as relações do homem com os outros e, através deles, às suas relações com o mundo. Ela atinge ~~umas~~ proporções tais que a tornam a fonte de toda atividade humana e o elemento unificador da convivência entre os homens.

Freud nos mostra que a sexualidade está presente desde o início da vida e que se manifesta de formas variadas devido precisamente ao estado de imaturidade genital. A criança é capaz de prazer libidinal decorrente da excitação de diversas regiões do corpo, sendo todo ele fonte de excitação. É um corpo libidinal.

Distingui-se duas fases na sexualidade.

4.1- 1ª fase Pré-Genital - toda a atividade erótica está desvinculada da função genital da reprodução. Isso ocorre justamente por causa da imaturidade do aparelho genital.

Freud fala de pulsões parciais, para expressar o fato de que a sexualidade está ligada as diversas zonas que constituem a fonte da atividade pulsional. Ele fala de 3 tipos de erotismo:

Erotismo oral - está ligado à zona erógena nas funções de alimentação. A atividade sexual não está desvinculada com a ingestão de alimentos. A sucção é simples resíduo desta.

fase de organização da sexualidade

Erotismo sádico-

anal

esta ligado à atividade de fisiológica da eliminação-retenção implicando a ação e o controle voluntário da musculatura. Os elementos que aqui se opõem, e que serão constituintes dos modos de existência sexual posterior, são: atividade (constituído pela dominação e o controle) e a passividade (submissão e entrega)

Fase fálica - por volta dos 2 a 5 anos a criança possui

adulto.

O "falo", símbolo do órgão genital masculino, com tudo o que ele significa de poder e dominação, introduz a questão da "castração" imaginário: não ter o "falo" ou poder perde-lo. Nesta idade tanto o menino como a menina, estão centrados na posse ou no desejo de possuir o "falo.

Mais do que outras zonas eróticas, a genital torna-se de fato, o centro de convergência dos interesses sexuais da criança: tanto pelo prazer que proporciona, quanto pelas fantasias que ela cria.

4.1.1.- Complexo de Castração (fase fálica)

É uma teoria infantil que consiste em atribuir a "todos" os seus humanos, inclusive os femininos, um pênis (falo), como aquele que o menino conhece a partir de seu próprio corpo.

Quando a criança reconhece a ausência deste órgão na menina, logo relaciona como uma deficiência adquirida, por acidente, castigo, ou doença.

O menino teme perder este órgão que lhe proporciona um certo prazer (fase fálica), e que lhe faz identificar com seu pai (rival). Ele imagina que a menina não o possui pois foi retirado por seu pai, mas pode tentar tranquilizar-se pensando que o fato da menina pode se desenvolver.

Quanto a menina ela não perde as esperanças de que seu órgão irá crescer, pois é só o que lhe falta para a igualdade com o menino.

Este órgão, tanto para o menino como para a menina, representa a força e o poder. O menino o possui, e teme perdê-lo. A menina sofre por não possuí-lo.

A angústia de castração na criança é a perda de uma parte ou produto de seu corpo (fezes), ou como a privação do prazer libidinal. Mas é o complexo de Édipo que dá à castração toda a sua significação genital.

4.1.2.- O Complexo de Édipo

Ocorrendo na fâlica este constitui o nó central da sexualidade infantil, e um dos elementos estruturantes da personalidade humana.

Chama-se complexo por tratar-se da coexistência simultânea de um conjunto organizado de representações e de lembranças, com forte conotação emotiva, parcial ou totalmente inconsciente.

O complexo de Édipo constitui-se a partir das relações que implicam não só as integrantes do grupo familiar, mas toda a organização social.

A existência de pulsões genitais na criança, constituir a base do complexo; sua frustração é o nó. A frustração é acompanhada, geralmente, da repressão educativa visando impedir a realização destas pulsões. Ao mesmo tempo a criança começa a ter uma certa percepção da situação que lhe é proibida: a relação sexual do homem com a mulher (do pai com a mãe). A solução deste conflito se dá quando a criança renuncia provisoriamente a suas tendências sexuais e sublima a imagem parental, a qual permanecera na sua consciência como no ideal, a garantia de que um dia poderá realizar numa relação heterossexual suas pulsões o que agora lhe é proibido de fazer.

A realidade sócio-cultural põe uma barreira (lei do incesto) às pretensões da pulsão sexual, que procura sua satisfação sem limites, quanto ao desejo e o modo. Assim, o desejo e a lei ficam definitivamente ligados entre si. O primeiro define o biologicamente possível, a segunda e socialmente viável.

No declínio do complexo de Édipo, se intensifica o fenômeno de recuo a pulsão, dirigindo uma intensificação com as representações inconscientes (imago) dos pais, elaboradas a partir das primeiras relações reais e fantásticas com eles, e das outras pessoas que despertam o interesse da criança. Há uma crescente dessexualização das relações interpessoais e dos sentimentos (ternura sobrepõe o desejo sexual), acompanhada pela aparição de novos sentimentos (predor/repugnância) e de aspirações morais e estéticas.

cidade exerce tal ação repressiva sobre as manifestações sexuais da criança, acompanhado de mitos, ameaças e condenações, que a criança dificilmente chega a exteriorizá-las em condutas concretas. As experiências sexuais são excluídas das perspectivas culturais das nossas sociedades repressoras, ensinando aos jovens a canalizar essas energias para atividades socialmente úteis e dessexualizadas. "Ao princípio do prazer opõe-se-lhe o princípio da realidade que não é senão o princípio de rendimento de uma sociedade fundada numa economia de mais-valia" pg. 31 Angel Pino (apostila)

4.2.- 2ª fase genital - É o fim do desenvolvimento psico-sexual. Resultado da maturação hormonal que confere ao indivíduo as características sexuais definitivas e a capacidade de procriação; de outro lado, é resultado de todo o processo educativo que determina as orientações que irão incorporar o comportamento sexual adulto.

5- O FANTÁSTICO

Os realistas referem tudo à experiência dos dias, esquecendo-se da dupla experiência das noites. Propo-mo-nos a repor as imagens na dupla perspectiva dos sonhos e dos pensamentos." (1)

Necessidades primordiais da humanidade Poder: a aprendizagem da vida, a busca incessante, a grande aventura humana.

Fantástico não é, de modo algum, sinônimo de angustiante e que se refere apenas ou especial para as crianças.

Seria o fantástico sinônimo então de inimaginável?

Esta definição é contraditória, pois um caráter incontestável da obra fantástico é precisamente ter sido criada, imaginada.

O que nos leva, de bom ou de mau grado, a examinar mais de perto as relações entre o real e o imaginário.

A essência do fantástico reside antes em certo clima em que, sutilmente, sonho e realidade se interpretam, a ponto de que a demarcação de limites entre as 2 desaparecem.

É clássico lembrar, que a criança até certa idade, difícil de determinar, da vida ao que toca. Egocentrismo primeiro, projeção de nossas intenções e de nossos atos que conduzem a criança a retomar para vivifica-los e reconhece-los. Se não houver, por meio do ambiente, censura, reprovação ou zombaria que terminam num bloqueio, essa personificação-projeção vai persistir além dos seis anos e alimentar as criações da criança .

Várias fronteiras permanecerão na criança, frágeis e fluidas, certamente, a que separa do imaginário o que chamamos de "real". A que delimita o eu e o opõe ao não-eu. A tomada de consciência de si, a construção da personalidade, se iniciadas na infância, representam um caminho longo e lentamente percorrido.

"A natureza do maravilhoso não são os mesmos para o adulto e para a criança . O adulto chama de maravilhoso o que ultrapassa as normas aceitas. Ora, no plano das interpretações e do conhecimento, a criança ainda não possui normas. O que sua curiosidade lhe faz encontrar e descobrir em seu ambiente não pode ser, propriamente falando, nem normal, nem maravilhoso."(2)

Devemos tomar cuidado para não confundir mentira com representação imaginária. A ausência de limites temporais e de construção do sentido histórico vêm reforçar e prolongar as confusões iniciais.

O fantástico, dir-se-á, reúne na criança toda uma visão animista do mundo. Responde às necessidades psicológicas. Muito bem. Mas nosso papel de educador é fazer com que a criança cresça, auxiliar sua maturação, torná-la capaz de uma reflexão adulta. Chegar a uma construção racional, objetiva, científica do universo não é simples, pelo contrário.

A vida da criança é toda dominada pela brincadeira. Assim, a passagem de uma crença inicial à exploração lúdica dessa crença ocorre muito cedo, e de maneira imperceptível.

A criança nos escapa por entre os dedos, ela nos foge toda vez que não mais a interessamos. O garoto, que sofre por seu filho único e não ter ninguém com quem brincar, povoa a casa com um macaco ou um crocodilo que só ele pode ver. Assim a criança prolonga uma visão animista do mundo, que, conforme o caso, torna-se proteção, refúgio contra as exigências externas que atrapalham ou meio de se distrair quando se aborrece.

Quando a criança sonha e brinca, exercita sua imaginação, assim como exercita seus músculos, ou descobre e constrói, pouco a pouco os mecanismos lógicos. A criança que brinca de casinha, sabe muito bem que está em plena ficção, e é a ficção que a faz pular de alegria quando o adulto aceitar entrar na brincadeira e tomar como um pedaço de torta um pedaço de papel, que lhe é oferecido.

para o adulto, muito perturbador. O sonhador, que sai das avenidas bem sinalizadas, que abandona os "sonhos autorizados" para seguir pelas ruelas transversais e pelo "caminho dos escolares", não é e nem será indivíduo rentável. Será difícil fazer dele um adulto sério. Representa à sociedade um perigo em potencial.

A imaginação, como a inteligência ou a sensibilidade, ou é cultivada, ou se atrofia. Sendo assim, a função do educador não é de fornecer receitas, mas desenvolver a imaginação que a criança já possui.

Assim como o recém-nascido, que inicialmente grita por necessidade e logo descobre que sua voz é um meio de pressão sobre o meio ambiente, também a criança que inicialmente animou a natureza e teve imaginação ingênuas, rapidamente descobre, de maneira toda intuitiva, que tal atitude lhe permite distrair-se, construir pequena cidadela, ou mesmo contrariar-nos.

Supõe-se, habitualmente, que o fantástico reprime na criança a construção do real, como se o real devesse inevitavelmente ser elaborado contra o imaginário, ou o real.

Para nós, razão e imaginação não se constroem uma contra a outra, mas, ao contrário, uma pela outra. A linha da divisão real-fictício só será traçada pouco a pouco.

O Fantástico existe em todos os lugares, ou simplesmente em lugar nenhum. Ele existe sempre e somente para um olhar humano e com relação a ele. A natureza, antes da presença e da intervenção do homem, não é em nada fantástica. Ela é, simplesmente. O homem que transforma seu meio já faz obra fantástica.

"O Fantástico é dotado de uma "paisagem afetiva", que seria um "domínio reservado" de uma paisagem, quase sempre um lugar de infância, mas um lugar de infância mítico, idealizado, visto através do prisma dos sentimentos, das lembranças, das experiências de um adulto, mesmo deformado se necessário, enfim, transmutado e povoado também com todos os seres que, ao longo dos anos, encontramos e amamos." (3)

"Há sempre lobos em torno de nós... Não é protegendo as crianças, mas, pelo contrário expondo-as progressivamente à vida é que vamos fazer delas adultos equilibrados." (4)

Segundo Piaget, as crianças não ficam assustadas com monstros ou desenhos, mas com a insistência do caráter maléfico, exercida pelo adulto. Caso a criança não tenha tido uma educação muito séria que matasse o germe do humor, ela diverte-se e pede mais. O humor é o tem a força de desarmar a angústia.

O medo é resultado de uma perturbação, ou seja, uma criança perturbada se sentirá ameaçada, não necessariamente na presença de bruxas, dragões e monstros, mas poderá chocar-se com qualquer objeto cotidiano. A criança já frágil e ferida sempre poderá ser perturbada pelo objeto mais imprevisto, cotidiano, banal, aparentemente inofensivo.

"O fantástico é a arte de transcender a angústia, a alucinação e a idéia fixa." (5) (Marcel Schneider)

5.2. O FANTÁSTICO E O PODER

Em todas as atividades do destino individual e coletivo do homem, os grandes sonhos que o perseguem são sonhos de poder. O animismo está diretamente ligado à este sonho.

Quando se trata do tema poder originados de nosso sos desejos, dois casos podem ser distinguidos:

I)- A existência natural de tal poder, existente desde o nascimento num indivíduo ou que se desenvolve por mutação, acidente, circunstância misteriosa e fortuita,

II)- Agrupamento de poderes múltiplos entre os quais a pessoa pode escolher, porque esses desejos se realizam pela mediação de objeto exterior particular.

Poderes múltiplos, poderes do sonho. Esses poderes, o os possui através do primeiro de todos, o poder do próprio imaginário, ultrapassando o agora, o imediato, poder que já exerce sobre amigos fisicamente mais fortes, prendendo a atenção do grupo de amigos, não pela força física, mas com sua história fantástica.

"O homem inventou o poder das coisas ausentes, por isso se tornou poderoso e miserável. Mas, finalmente, é só por causa delas que é homem." (6)

6- DESENHO

O desenho é uma das formas que a criança possui de expressar suas fantasias, abrindo as portas de si mesma e mostrando a todos o que ela realmente é.

A cor, a forma, a distância, são dependentes das emoções, e das impressões a serem libertadas do íntimo de cada criança.

"O desenho é como uma janela para uma "terra incôgnita", um continente perdido, onde moramos há muito tempo, e que é domínio de seres muito enigmáticos: as crianças." (7)

A criança sempre desenha para si, mas referindo-se sempre a alguém real ou imaginário, quase sempre sua mãe, seu pai ou alguém dos que a cercam. É um "dom" que sai de suas mãos e de que ela sempre espera alguma coisa em troca, afinal ela desenha por seu próprio prazer e para dar prazer a alguém. Ele se torna uma forma de diálogo, se o adulto não se restringe às imperfeições e as correções que nele possam existir. É preciso saber decifrá-lo, em função das capacidades gráficas da criança, suas intenções representativas e do contexto em que esteja inserido. Ele corresponde a um tipo de atividade muito complexa que depende intimamente da maturação dos aparelhos perceptivos e motores e põe em jogo múltiplos fatores psicológicos.

Num primeiro momento da vida da criança, ela se interessa por qualquer marca (mancha) deixada no papel, que ela mesma tenha produzido.

Esta agora é uma marca que a criança dominou pois esta fixada no papel, ao contrário da marca sonora que desaparece tão logo seja pronunciada. Este prazer poderá ser análogo ao prazer da manipulação das fezes e urina. (marca registrada!)

Podemos dividir em 3 etapas a evolução do desenho na criança: rabiscos ou garatujas; pré-esquemática ou realismo intelectual e esquemática ou realismo visual.

Corresponde às primeiras atividades gráficas da criança. Não possuem a intenção de representar o mundo da criança, são só movimentos físicos. A criança brinca com o papel, e o lápis é o principal personagem desta brincadeira. Reúne o prazer motor e o da marca deixada sobre o papel. Os movimentos são de vaivém do antebraço, e que evoluem para horizontal. No final do período isto se prolonga para movimentos circulares.

No final do terceiro ano a criança chega à representação, mas neste primeiro momento, esta é inconstante. Ela pode começar desenhando uma árvore, e terminar dizendo ' que se trata de uma casa.

6.2.- PRÉ ESQUEMÁTICA OU REALISMO INTELECTUAL 4 ANOS

A criança torna-se capaz de subordinar seu desenho a um projeto. A intenção da criança é, antes de tudo, significar e para isso ela usa processos que se opõe ao realismo.

A transparência é uma das características desta fase. Corresponde, por exemplo, ao desenho da casa e as coisas que possuem dentro dela. O abaixamento é outra característica (quando desenhar uma estrada, abaixa as árvores que servem de canteiro). Porém, estes não são os únicos estilos desta etapa, caso examinemos desenhos desta idade chegaremos à muitos outros estilos em comum.

Há neste desenho uma verdadeira marcação de imagens, como se o desejo da criança não fosse tanto representar mas contar, e muitas vezes contar-se a si mesma.

6.3.- ESQUEMÁTICA OU REALISMO VISUAL - 7 ANOS

Agora a representação e a adequação à realidade objetiva superam a expressão e a narração. O interesse pelo desenho espontâneo decresce progressivamente.

Levando em consideração as etapas do desenho, este pode nos oferecer uma avaliação sobre o nível da maturidade

As primeiras tentativas de figuração humana correspondem ao final do período das garatujas. As formas arredondadas tendem cada vez mais a fechar-se, cercando uma superfície. Nesta superfície que é delimitada por um contorno a criança acrescenta os detalhes (olhos, nariz, boca, ouvido). Mas estes são dispostos de forma incorreta, e muitas vezes fora do círculo (cabeça), formando assim o "homenzinho de peças avulsas".

Na segunda etapa surge o "homenzinho girino", que é a junção do círculo (fase anterior) à duas linhas verticais paralelas (pernas). Os órgãos sensoriais são colocados dentro do círculo, e os braços aparecem implantados na metade deste mesmo círculo. Surge então a confusão cabeça e tronco.

Entre quatro e cinco anos, surge o homenzinho padrão. A cabeça e o tronco são então separados com o acréscimo de um segundo círculo sobre o qual vêm implantar-se os membros. Há um enriquecimento de detalhes, pescoço, mãos, pés e particularidades das roupas que fazem a diferenciação do sexo. Este homenzinho pode ser estático ou dinâmico.

Apesar da discriminação destas etapas, não poderíamos concluir que a análise de um ou 2 desenhos basta para avaliar o nível intelectual, ou mesmo a personalidade de uma criança. Pode haver discordâncias entre a evolução das aptidões gráficas e o de outras atividades intelectuais e psicomotoras. Além do mais, o desenho não é um simples reflexo das aptidões grafomotoras: ele representa a visão do mundo da criança, que nele projeta seu mundo interior.

Intepretar o desenho de uma criança pressupõe que além do conteúdo manifesto, o do tema representado e da narração à qual ele dá lugar, existe um conteúdo "latente", de certa forma inconsciente.

Os símbolos não servem de chave de enigmas, como alguns poderiam acreditar. O aparecimento de um símbolo não basta por si só para permitir que se conclua tratar-se inconscientemente disto ou daquilo. É preciso o contexto, a situação afetiva do sujeito no momento em que o traz, os propósitos de que o cerca, o papel que desempenha esse símbolo no brinquedo, no desenho, no sonho, na história contada (8)

Portanto, no nível consciente, que é o do conteúdo manifesto, a intenção descritiva e narrativa predomina a criança que desenha. Seu desenho visa essencialmente a representar objetos, que pertencem ao mundo exterior, tal como possa ser imaginado ou percebido pela criança. Se aí encontramos outras intenções, outros efeitos de sentidos, eles só podem ser inconscientes e a princípio a criança não está disposta a admitir-lhes sua existência. Nunca é fácil fazê-la aceitar a idéia de que seus desenhos podem conter outras coisas além das que ela própria quis representar, principalmente se dizem respeito à sua vida afetiva ou aos conflitos familiares a que esteja inserida.

Em todos os caso^s, a interpretação do desenho de uma criança, é uma atividade delicada e que deve ser feita levando em consideração toda a vida afetiva, motora, cognitiva da criança.

A execução do desenho não pode ser assimilada ao trabalho do sonho, fosse apenas porque o sonhador está sozinho com seu sonho, a ponto que o desenho deve ser referido a alguém, destinado a ser mostrado.

7- O BRINQUEDO E A FANTASIA

Para a criança, o brinquedo (pelo menos antes de entrar na escola) é sempre uma atividade muito séria, envolvendo recursos de personalidade.

Brincar é uma necessidade natural. Ela se experimenta e se constroi através de brinquedo, aprendendo a dominar a angústia, a conhecer seu corpo, a fazer representações do mundo exterior e a agir sobre ele.

Exemplo: A construção e demolição interpretadas de seu brinquedo de formas diferentes e, com paciência, repetidas várias vezes.

A medida em que a criança cresce há uma hora para brincar e uma hora para o trabalho, e a realização de um depende da permissão do outro. Enquanto o 1º é espontâneo e governado pela fantasia, o segundo possui pré requisitos. O direito substitui a necessidade.

Atualmente os brinquedos (miniaturas) liquidam a imaginação e a invenção, não deixam lugar a fantasia, so possuem um uso: a imitação da realidade, excluindo qualquer criatividade. Os carros possuem todos os cromos e todo o brilho, tornando-se objeto de coleção para os adultos, que não podem tê-los, dando a ilusão que possuem o carro dos seus sonhos.

No entanto, basta muito pouca coisa para que a criança possa recriar seu mundo, carretel barbante, rolas, será o suficiente para sua imaginação.

7.1.- O QUE É O BRINQUEDO?

A criança brinca por prazer, para exprimir a agressividade para dormir a angústia, aumentar sua experiência e estabelecer contatos sociais.

O prazer é aspecto mais manifesto, ligado tanto na atividade mental como física, desprendida pela criança.

A figuração de anos angustiantes no brinquedo

aparece ao lado do desejo de dominar a angústia, identificando-se ao objeto que o provoca.

“Vemos as crianças reproduzirem em seus brinquedos tudo o que as impressionou na vida, por um espécie de ab-reação, contra a intensidade da impressão que procuram dominar... o desejo de serem grandes e comportarem como pessoas grandes... O caráter desagradável de um acontecimento não é incompatível com sua transformação no objeto de brinquedo, com sua reprodução cênica... impõe a um companheiro de brinquedo os sofrimentos de que ela própria tenha sido vítima, e assim exerce sobre a pessoa a vingança, que não pode exercer sobre o agente real.” (9)

As atividades lúdicas ajudam a vencer seus medos e perigos exteriores e interiores, fazendo a imaginação comunicar-se com a realidade... a paixão que as meninas exercem sobre as bonecas representam uma necessidade de ser consolada e tranquilizada... os meninos põem em seus carros, trens, etc., o relevo de seu lado masculino: é uma penetração simbólica no interior da mãe... relações sexuais com a mãe e combate com os pais... Em sua luta contra a angústia, o ego explora com esse objetivo cada um dos mecanismos ligados à realização dos desejos... assim os brinquedos transformam a angústia em prazer. (10) Melaine Klein

7.2.- BRINQUEDO E SEXUALIDADE

Através de pesquisas e comparações, podemos chegar à clara conclusão de que os brinquedos e jogos representam a satisfação sexual de grande importância para o adulto e principalmente para a criança. A roda-gigante, o balanço, a montanha russa através das sensações corporais trazem satisfações comparadas a relação da criança com o brinquedo.

Mas a sexualidade se apresenta também nos jogos competitivos e de sorte. É como se na perda destes jogos existirem a assustadora castração; por isso, a grande atração que as pessoas têm em cada vez mais, se infiltrarem neste tipo de brincadeira.

Quando a menina brinca de boneca, não exprime apenas seu desejo de ter filhas e identifica-se com a mãe e a

experiências erógenas que obteve com a mãe.

Quando o menino faz com que os carrinhos se choquem, ou quando representa combates entre 2 animais, podemos pensar que ele transmite suas primeiras fantasias, das relações sexuais dos pais; conseqüentemente, o elemento de agressão que caracteriza esses fantasmas, devoração, penetração violenta do corpo, computações, etc.

Estas características nas brincadeiras das crianças não significam, que todas as meninas e meninos terão estas reações diante de seus brinquedos, nem que todo (torre) traz as fantasias de um "falo". A significação de uma representação depende sobretudo do contexto em que ela se integra, e da angustia que a criança enfrenta.

A sexualidade se apresenta também nas brincadeiras de adultos com crianças, entrelaçando ternura e sensualidade.

Qual é o pai que resiste em ver seu filhinho morrendo de cócegas?

Eles se enchem de alegria, e as crianças pedem "mais"! até o momento em que o excesso de excitação, nem os riscos convulsivos nem a agitação motora conseguiram satisfazer, então surgem as lágrimas e, conseqüentemente, a censura. Os adultos as culpam por não saberem parar, mas se esquecem que elas não dispõem de meios para frear a excitação pelo orgasmo, nem ainda de direcioná-los para outros modos de satisfação.

É, nem tudo se limita a sexualidade no brinque do da criança, mas ignorar-la seria desconhecer uma parte muito rica da personalidade infantil, por causa de um tabu culturalmente criado.

Brincar com uma criança não é tão simples como pode parecer; é necessário uma troca de prazer. Ou seja, para a criança o prazer que ela sente brincando deve ser recíproco ao prazer do adulto. Portanto, o "brincar" por obrigação não trás para a criança satisfação alguma, muito pelo contrário, ela se aborrecerá com a indisposição do adulto.

8- CONCLUSÃO

A fantasia sempre foi um tema que muito me atraiu. Mas durante a elaboração da monografia, o assunto simplesmente me conquistou por completo.

Espero que consiga transmitir aos leitores toda a minha fascinação para com o tema, e principalmente a aquisição de um maior número de adeptos ao respeito à fantasia da criança.

E para estes adeptos, pretendo recomendar a leitura de um livro, que muito me agradou no decorrer do meu trabalho. Trata-se de Janusz Korczak no livro QUANDO EU VOLTAR A SER CRIANÇA.

Janusz trata da história de um professor primário que volta a ser criança, mas sem perder sua memória. Através desta transcrição, descobre que ser criança é participar de um mundo fascinante, mas por outro lado de grandes dificuldades, onde os adultos a todo momento tentam se infiltrar, limitando o espaço que elas possuem.

“Qual o adulto que entende que os patins são meus e faço deles o que quiser... Que posso ficar triste... Por que não entendem que os vidros quebram, as molas (do sofá) arrebentam, as calças rasgam... e não é por perversidade proposital da criança.” (11)

“Correr para nós, é como andar a cavalo, galopando, competindo com o vento. Não se sabe nada não se pensa, não se lembra de nada, não se vê apenas sente-se a vida, uma vida plena. Sinto que o ar está dentro de mim, e em torno de mim.” (12)

“A inspiração é como se fosse conversa com Deus, ninguém tem o direito de se intrometer. Porque preciso estar sozinho, preciso não ver nada, não ouvir nada.” (13)

“É incomôdo ser pequena. A toda hora tem que se esticar, levantar a cabeça. As coisas acontecem lá nas alturas, acima de nós.” (14)

tendo concluir a fantasia, mas pelo contrário, instigá-la nas pesquisas de outras pessoas, para que seja referida sua verdadeira importância.



NOTAS

- (1) texto montagem O Imaginário no Poder pg. 17
- (2) Henri Wallon O Imaginário no Poder
- (3) Jacqueline Held O Imaginário no Poder
- (4) François Ruy-Vidal O Imaginário no Poder
- (5) Marcel Schneider O Imaginário no Poder pg. 94
- (6) Paul Valery O Imaginário no Poder
- (7) A Entrevista com a Criança pg. 129
- (8) A Entrevista com a Criança Françoise Dolto pg. 137
- (9) A Entrevista com a Criança Freud pg. 100
- (10) A Entrevista com a Criança Melaine Klein pg. 102
- (11) Quando Eu Voltar a Ser Criança pg. 6 Tatiana Belinky
- (12) Quando Eu Voltar a Ser Criança pg. 29
- (13) Quando Eu Voltar a Ser Criança pg. 41
- (14) Quando Eu Voltar a Ser Criança pg. 44

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Angel, Pino. Desenvolvimento Afetivo e Vida de Relação. Apostila
Campinas: Faculdade de Educação, Universidade Estadual
de Campinas, 1989, 37 páginas
- Arfouilloux, J.C. A Entrevista com a Criança. A Abordagem da
Criança através do Diálogo, do Brinquedo e do Desenho.
Trad. por Analúcia T. Ribeiro (2ª edição)
Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- Freud, Sigmund. O Inconsciente in Edição Standart Brasileira das
Obras Psicológicas de Sigmund Freud, vol.14
Rio de Janeiro: Imago, 1974
- Held, Jacqueline. O Imaginário no Poder. As Crianças e a Litera-
tura Fantástica. Trad. por Carlos Rizzi. vol. 7:
Novas Buscas em Educação. São Paulo: Summus, 1980.
- Korczak, Janusz. Quando Eu Voltar a Ser Criança. Trad. por Yan Micha-
lsky. São Paulo: Summus, 1987.
- Lowenfeld, V e Brittain, W.L. Desenvolvimento da Capacidade
Criadora, Trad. por Alvaro Cabral. São Paulo:
Mestre Jou, 1970.
- Rappaport, Clara Regina, Fiori, Wagner Rocha e Davis, Cláudia
A Idade Pré-Escolar. Psicologia do Desenvolvimento, vol. 3
São Paulo: E.P.U. (Editora Pedagógica e Universitária), 1981

BIBLIOGRAFIA GERAL

- Freiberg, Selma. Anos Mágicos
- Lacan, Jacques. A Família. Trad. por Brigitte Cardoso de Cunha,
Ana Paula dos Santos, Graça Lamas e Graça Lapa. Lisboa:
Assério e Alvim Cooperativa, 1987
- Munari, Bruno. Fantasia: Invenção, Criatividade e Imaginação na
Comunicação Visual, Trad. por Ana Falcão Bastos e Luis Lei-
tão (2ª edição) Lisboa: Presença, 1987
- Novaes, Maria Helena. A Psicologia da Criatividade, (2ª edição)